Estudos de gênero e esportes: uma perspectiva histórica

Gender and sports studies: an historical perspective

Susan J. Bandy

Tradutor: Mariane da Silva Pisani

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/11510>

DOI: 10.4000/pontourbe.11510

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrônica

Susan J. Bandy, «Estudos de gênero e esportes: uma perspectiva histórica», *Ponto Urbe* [Online], 29 | 2021, posto online no dia 27 dezembro 2021, consultado o 08 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/11510> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.11510>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 dezembro 2021.

Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Estudos de gênero e esportes: uma perspectiva histórica¹

Gender and sports studies: an historical perspective

Susan J. Bandy

Tradução : Mariane da Silva Pisani

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 28/09/2021

Aceitação / Accepted 13/12/2021

Introdução

- ¹ Em 1978, a socióloga canadense Ann Hall introduziu formalmente o conceito de "gênero" nos Estudos dos Esportes², em uma monografia intitulada *Sport and Gender: A Feminist Perspective on the Sociology of Sport* (Esporte e Gênero: Uma Perspectiva Feminista sobre a Sociologia do Esporte). Nesta monografia, ela realizou uma revisão sobre o estado da arte no campo da Sociologia sobre as produções que estivessem relacionadas às experiências das mulheres nos esportes e, paralelamente, ofereceu uma crítica deste material a partir de uma perspectiva feminista. O uso do termo "gênero" por Hall foi, segundo meu conhecimento, algo sem precedentes na área dos Estudos dos Esportes e, em retrospectiva, seu trabalho parece crucial para o desenvolvimento dessa área, uma vez que trouxe o conceito para o horizonte das produções acadêmicas sobre esportes e exigiu que se tomasse, a partir disso, uma perspectiva feminista. A inclusão do termo "gênero" começaria a alterar significativamente as pesquisas área dos Estudos dos Esportes. É a partir do trabalho de Hall e de outros(as) pesquisadores(as), que também começaram a usar o conceito "gênero" em vez de "sexo", que gênero começou a ser usado para rejeitar o determinismo biológico e para delinear que os padrões comportamentais, culturais ou psicológicos tipicamente associados a um sexo, eram na

verdade socialmente construídos. O foco da pesquisa de Hall, como argumentei em outro lugar (Bandy, 2004a)³, começou a afastar-se de uma abordagem sobre as mulheres atletas e foi em direção ao conceito de "gênero" e, mais tarde, chegou à crítica – de uma perspectiva feminista – dos esportes e da cultura física.

- 2 Pretendo mostrar neste artigo como o conceito de "gênero" foi expandido para além de uma categoria e foi redefinido como um processo dinâmico e relacional que introduziu novas direções, teorias e paradigmas para a pesquisa nos Estudos dos Esportes. Além disso, a inclusão do conceito de "gênero" – juntamente da inclusão dos conceitos de raça, classe social e etnicidade; bem como a partir da virada teórica para a corrente pós-moderna e desconstrucionista (e da introdução das teorias de hegemonia e poder nas análises acadêmicas) – incentivou ainda mais o estudo de temas como globalização, pós-colonialismo, espaço e meios de comunicação. Esses novos temas moveram o desenvolvimento da área Estudos dos Esportes de uma prática essencialmente disciplinar para um enfoque interdisciplinar. Mais recentemente, o conceito de "gênero" parece ser visto pelos(as) acadêmicos(as) como um conceito interrelacional que possibilita um enfoque transdisciplinar e transnacional na área dos Estudos do Esportes (Bandy, 2004b, p. 17-39). Esta nova perspectiva tem contribuído para a inclusão de novos conceitos e novos tópicos de pesquisa como linguagens, estudos de narrativas, poder e representações. Na época em que Hall escreveu e publicou seu livro, uma "virada cultural" proporcionava outros enfoques nas pesquisas e produções em diferentes áreas como Antropologia Cultural, História Cultural e Sociologia Cultural. Da mesma forma, essa "virada cultural" alavancou a criação de outros campos de estudo, incluindo Estudos Culturais e Estudos Afro-Americanos.
- 3 Este artigo começa com uma análise sobre as produções acadêmicas e intelectuais realizadas na América do Norte e na Grã-Bretanha que resgatam as origens dos Estudos de Gênero aplicados às práticas esportivas. É preciso observar que este artigo inclui os mais variados exemplos, bem como traz diferentes interpretações sobre o assunto. Da mesma forma apresenta uma elaboração mais completa a respeito dos debates teóricos sobre gênero nos esportes⁴. A análise inclui também o levantamento dos trabalhos realizados por acadêmicos(as) europeus.
- 4 O foco principal deste artigo, que versa sobre a produção acadêmica na qual os Estudos de Gênero aparecem aplicados às práticas esportivas, reflete as preocupações do que foi denominado como "Segunda Onda do Feminismo". Esta, por sua vez, começou nos anos 1960, incluiu uma crítica sobre o papel social da mulher, pontuou sobre a igualdade de oportunidades para a participação delas nos esportes, promoveu discursos sobre a emancipação da mulher e de seus corpos nas práticas esportivas e que registrou os obstáculos que proibiam a plena participação das mulheres nestes espaços. Mesmo estudando o movimento feminista de maneira mais geral, o foco deste artigo foi ampliado para incluir uma série de questões referentes às representações das atletas na mídia e também sobre as discussões a respeito da sexualidade das mulheres desportistas.

A introdução do conceito de gênero nas produções acadêmicas sobre os esportes

- 5 Nos anos 1970, a introdução do conceito "gênero" nas produções acadêmicas da área dos Estudos dos Esportes refletiu e dependeu da convergência de uma série de fatores

inter-relacionados: a introdução do "gênero" nas produções acadêmicas realizadas por pesquisadoras, especialmente aquelas que atuavam nas áreas dos Estudos e História da Mulher; o desenvolvimento acadêmico da área Estudos do Esportes, que incluía agora uma ênfase colocada na teoria (em oposição à prática); o feminismo da segunda onda que proporcionou o aumento da participação das mulheres nos esportes, bem como o aumento do número das pesquisadoras interessadas academicamente nas práticas esportivas; a influência das teorias pós-modernas e desconstrucionistas que ajudaram no desenvolvimento de teorias referentes aos Estudos dos Esportes (principalmente a teoria marxista, o trabalho do italiano Antonio Gramsci e os trabalhos dos teóricos franceses Pierre Bourdieu e Michel Foucault); e, por último, um interesse acadêmico mais generalizado nos estudos sobre o corpo.

- 6 Seguindo as distinções feitas entre "sexo"⁵⁶ e "gênero" por Robert J. Stoller (1968), bem como a partir do crescimento progressivo das pesquisas feministas no âmbito acadêmico, na qual as distinções entre masculino e feminino, natureza e cultura, sexo e gênero estavam sendo questionadas - e as formas dualistas e hierárquicas de conhecimento desafiadas - os(as) acadêmicos(as) começaram a incorporar, no *Estudos das Mulheres* a partir dos anos 1970⁷, o conceito de "gênero". Segundo a historiadora Gisela Boch (1991, p. 7), o conceito de "gênero" foi introduzido "(...) como uma categoria social, cultural, política e histórica, a fim de expressar a percepção de que a subordinação, a inferioridade e a impotência das mulheres não são ditadas pela natureza, mas são construções sociais, culturais, políticas e históricas". Como explica outra historiadora, Joan Wallach Scott (1987, p. 153), as feministas começaram a usar o "gênero" como uma forma de se referir à organização social da relação entre os sexos. Scott argumenta ainda que o conceito denota a rejeição do determinismo biológico, que está implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual" e, talvez o mais importante, com o uso do "gênero", as pesquisas feministas "transformariam fundamentalmente os paradigmas disciplinares".
- 7 Pesquisas relativas ao desenvolvimento das diferentes áreas do conhecimento científico nos mostram este faz parte de estruturas dinâmicas que passam por mudanças contínuas (King & Brownell, 1966; Arthur Koestler, 1964). Em meados do século XX, as fronteiras disciplinares começaram a se borrar na medida em que métodos, abordagens e novas teorias - das áreas conhecidas como interdisciplinaridade e multidisciplinaridade - começaram a surgir. Aproximadamente ao mesmo tempo, a área dos Estudos das Mulheres começou a se desenvolver. Segundo Aino Saarinen, as pesquisas feministas foram inspiradas pelas teorias de Thomas S. Kuhn a partir do livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, nas quais as crises dos paradigmas predominantes foram resolvidas pelo surgimento de um novo quadro de pesquisa (Saarinen, 1992, p. 4). Tal contexto forneceu um terreno fértil para a aceitação do uso do "gênero", e seu uso lentamente começou a transformar as diferentes áreas do conhecimento científico. Ao mesmo tempo, a partir do momento em que acadêmicas norte-americanas clamavam por uma transformação (Brooks, 1981; Henry, 1964; Kenyon, 1968; Loy, 1968; Nixon, 1967; Rarick, 1967), mudanças bastante dramáticas na disciplina de Estudos dos Esportes começaram a acontecer. Segundo essas acadêmicas, era imperativo que a área dos Estudos dos Esportes (até então conhecido como Educação Física) se tornassem uma "disciplina acadêmica" (ao invés de uma disciplina aplicada ou pedagógica) e para que isso acontecesse era necessário empreender pesquisas de cunho teórico. No contexto desta transformação surgiram diversas subdisciplinas; surgiu também a necessidade de

produção de trabalhos mais teóricos, o que por sua vez abriu o caminho para a importação de teorias de outras áreas do conhecimento, tais como História, Sociologia, etc. As questões da mulher e o conceito de "gênero" foram então abraçados pelas acadêmicas feministas e a área dos Estudos dos Esportes mudou drasticamente.

- 8 Nos anos 1960, surgiu o "feminismo da segunda onda" que trouxe consigo o ativismo político que se concentrava na conquista da plena igualdade social e econômica nas nações ocidentais, onde as mulheres já haviam conquistado a maioria dos direitos legais. O feminismo da segunda onda produziu o contexto para o surgimento do movimento esportivo de mulheres na América do Norte e na Europa Ocidental e produziu um crescimento da presença das mulheres nos esportes, tanto em nível nacional quanto internacional. Enquanto mais mulheres entravam na arena esportiva, a análise feminista do esporte "(...) crescia, devido ao surgimento de uma pequena, mas crítica, massa de mulheres pesquisadoras, treinadas em disciplinas acadêmicas e animadas pelo potencial da teoria feminista", como observa Susan Birrell. No início dos anos 1980, era evidente que as pesquisadoras feministas estavam engajadas em forjar conexões entre a teoria feminista, as instituições esportivas e a prática social do esporte ou como Ann Hall escreve sobre suas próprias experiências: "Como feministas, nossa teoria, política e práticas estão inextricavelmente ligadas" (Birrell, 1988, p. 477).
- 9 Patricia Vertinsky (1999) e Ann Hall (1996) atestam a importância do desenvolvimento e da convergência do pensamento feminista, da teoria pós-moderna e da teoria crítica na área dos Estudos dos Esportes, particularmente no que diz respeito à história do esporte e à sociologia do esporte, respectivamente. Segundo a extensa análise de Alan Ingham e Peter Donnelly, a convergência simultânea de três correntes de pensamento - a Gramsciana, a pós-estruturalista e a Foucaultiana - tornou-se ferramenta teórica das feministas do esporte. O trabalho de Gramsci foi útil em relação aos argumentos sobre o patriarcado e permitiu maior enfoque na masculinidade hegemônica existente nos esportes; o pós-estruturalismo forneceu uma análise da construção social do gênero e da sexualidade, bem como suas representações na mídia; e o trabalho de Foucault em relação ao poder - como hierarquicamente ordenado, possuído por pessoas e enredado em redes que são reiteradas através de instituições modernas e manifestadas mais concretamente no nível do corpo - direcionou a produção teórica e engajou as feministas esportivas (Ingham & Donnelly, 1990).
- 10 Os desenvolvimentos relativos ao conceito de "gênero", nas análises teóricas dos Estudos dos Esportes, também foram promovidos por um interesse acadêmico no corpo, que se tornou mais evidente nos anos 1960. Nos anos 1970, houve um interesse crescente no corpo como tema de ensino e pesquisa, como notaram Mike Featherstone e Bryan S. Turner (1993) na introdução do primeiro número da revista acadêmica *Body and Society* (*Corpo e Sociedade*). "Corpos estão dentro", observou Arthur W. Frank em um artigo publicado na revista *Theory, Culture & Society* (*Teoria, Cultura e Sociedade*) em 1990. Embora este interesse tenha sido resultado de uma diversidade de tradições teóricas, muitos estudiosos atribuem-no à influência do trabalho do historiador e crítico social francês Michel Foucault; aos impulsos contraditórios da modernidade; e ao movimento feminista (Frank, 1990). Além disso, dada a ênfase que as teorias ganhavam na área dos Estudos dos Esportes, assim como a influência das teorias pós-modernas, Foucault e feminismo, há um interesse mais amplo no corpo que foi compartilhado por muitos(as) estudiosos(as) da área dos Estudos dos Esportes⁸. Como Hall escreve, o trabalho de Foucault foi útil porque considerou o corpo como uma entidade histórica e

culturalmente específica e, dessa forma, permitiu a concepção de um corpo sexualizado sem "sugerir uma diferença sexual original ou uma essência biológica fixa" (Hall, 1996, p. 53). O trabalho de Foucault sobre a construção social dos corpos através do discurso serviu de apelo para as feministas esportivas na medida em que elas procuraram entender a construção do corpo esportivo através do esporte moderno. Com a introdução do conceito de "gênero", as pesquisadoras dosesportes, em grande parte utilizando teorias construtivistas, passaram a entender o corpo esportivo como um corpo "generificado".

- 11 Nos últimos vinte e cinco anos, muitas das pesquisas realizadas sobre gênero e esporte foram feitas no contexto de três estruturas conceituais ou teóricas usadas por muitas feministas, especialmente sociólogas esportivas e historiadoras esportivas. Estas estruturas serão discutidas nas seções seguintes, nas quais o enfoque se localizará mais nas premissas, teorias, nos conceitos e nos métodos utilizados e menos nas conclusões que foram delineadas.

A mulher atleta como assunto: perspectivas da disciplina

- 12 Como afirma Joan Wallach Scott (1987), a primeira abordagem para uma reescrita da história da mulher foi baseada no pressuposto de que as mulheres são de fato diferentes dos homens e que, portanto, possuem experiências⁹ distintas, o que por sua vez levaria a escrita da "her-story"¹⁰ (Howell, 1982). É com o trabalho das primeiras acadêmicas da área dos Estudos dos Esportes que se observa que o foco das pesquisas, até então, tinha sido "sobre os esportistas homens e o esporte masculino" (Gerber, Felshin, Berlin, & Wyrick, 1974), dessa forma as acadêmicas iniciam suas pesquisas tendo como foco as esportistas mulheres e o esporte feminino. O que sustentava tal abordagem era a suposição básica de que a mulher atleta era de fato diferente do homem atleta, logo suas experiências no esporte também eram diferentes.
- 13 Nos anos 1970, o interesse pelas mulheres no contexto esportivo era evidente na nova e emergente área dos Estudos dos Esportes. Seguindo a demanda por um trabalho mais denso e teórico, as pesquisadoras abriram o caminho para uma abordagem mais acadêmica a respeito da presença das mulheres nas práticas esportivas. Alguns dos trabalhos mais influentes foram realizados pela filósofa esportiva Eleanor Metheny e pela psicóloga esportiva Dorothy V. Harris. Metheny expôs a natureza ideológica, simbólica e mítica do esporte, e antecipou algumas das críticas feministas ao mundo desportivo que acabariam por aparecer¹¹ apenas nos anos seguintes. Harris concentrou-se nas diferenças e incorporou uma variedade de conceitos psicológicos aos estudos sobre as mulheres atletas. O trabalho de Harris forneceu as bases para o início do trabalho teórico, dentro da área da psicologia do esporte, a partir do momento em que trouxe questões como a adaptação da apologética feminina¹² e a noção de androginia psicológica ao contexto esportivo. Em particular, androginia¹³ pode ser visto como um conceito transicional que permitiria incorporar o conceito de "gênero" aos Estudos dos Esportes. Em 1972, na Universidade Estadual da Pensilvânia nos Estados Unidos, Harris sediou a primeira conferência dedicada às mulheres no esporte, *Women and Sport: A National Research Conference* (Mulheres e Esporte: Uma Conferência da Pesquisa Nacional). A pesquisa apresentada por ela nesta conferência revelou o interesse crescente em

relação às considerações psicológicas, sociológicas, fisiológicas e biomecânicas das mulheres nos esportes.

- 14 Com a publicação de Ellen Gerber, et al. (1974), as acadêmicas introduziram a literatura sobre as atletas mulheres outras perspectivas teóricas provenientes dos campos da história, sociologia e biofisiologia. O livro de Gerber teve significado particular na medida em que ofereceu - anos antes das ideias relativas à construção social da mulher no esporte entrarem no escopo científico - as primeiras perspectivas feministas sobre as práticas esportivas ao examinar a construção social da mulher e da feminilidade, bem como os aspectos simbólicos dos esportes. Aproximadamente na mesma época foi publicada a coleção de ensaios de Carole Oglesby, intitulada *Women and sport: From myth to reality* (*Mulheres e esporte: Do mito à realidade*). Esses trabalhos, algum tempo depois a monografia anteriormente mencionada de Hall, fomentaram uma crítica feminista à pesquisa esportiva. Com estes trabalhos, o conceito "gênero" entrou na perspectiva das produções acadêmico-científicas e começou a desestabilizar conceitos tais como sexo e papéis sexuais.
- 15 As historiadoras dos esportes do Canadá, do Reino Unido e dos Estados Unidos forneceram mais críticas feministas aos Estudos dos Esportes, bem como arcabouços teóricos que pensavam "gênero" de uma perspectiva inclusiva e relacional em vez de tratá-lo como uma estrutura baseada nas noções de diferença sexual. Nancy Struna pediu a inclusão do gênero como uma "variável histórica fundamental" que deveria estar "no centro dos debates teóricos e das inovações metodológicas" na história dos esportes (Struna, 1984, p. 120). O trabalho de Patricia Vertinsky (1994) - sobre os exercícios físicos, a capacidade física das mulheres e o exercício da profissão médica - colocou ainda mais o conceito de gênero no centro da pesquisa histórica e abriu o caminho para pesquisas sobre como a exclusão das mulheres dos esportes, bem como a construção social do corpo feminino estão calcadas em bases biológicas. Jennifer Hargreaves (1994) também elaborou ideias a respeito da produção social do gênero *no e através* do esporte, ligando teorias sociais construtivistas ao caráter patriarcal do esporte moderno.
- 16 Os trabalhos desta fase inicial também refletiram perspectivas internacionais e o interesse em analisar os diferentes períodos históricos nos quais as mulheres envolveram-se com práticas esportivas, como evidencia a publicação de duas coletâneas de trabalhos que foram apresentados no *International Congress on Women and Sport* (*Congresso Internacional sobre a Mulher e o Esporte*), realizado na cidade de Roma, Itália, no ano de 1980. Nestas coletâneas são de vital importância os trabalhos dedicados aos aspectos históricos da mulher nos esportes, nos quais pesquisadoras(es) de vários países (Austrália, Canadá, Egito, Inglaterra, Alemanha, Israel e Japão) escreveram sobre a participação das mulheres no esporte em vários períodos incluindo a Grécia antiga, o Renascimento, e os séculos XIX e XX no Egito e na Alemanha. O trabalho de pesquisadoras como Reet Howell, Max Howell e Jennifer Hargreaves, assim como da pesquisadora americana Betty Spears, alimentaram o interesse sobre mulheres e esportes da Grécia clássica. Mais recentemente, a acadêmica Bettina Kratzmüller, da Áustria, continuou a aperfeiçoar a área de estudos relativa a mulheres e esportes na Grécia clássica (Kratzmüller, 2008). Em outros países da Europa Continental o livro *Frau und Sport* (*A mulher e o esporte*), de Gertrud Pfister, e que foi publicado no ano de 1980, figurava entre os primeiros livros dedicados à mulher e ao esporte; brevemente seguido pelos livros *Kvinne og Idrett: Fra Myte til Realitet* (*Mulheres e*

Esporte: Do Mito à Realidade), publicado em 1982 pela socióloga norueguesa Gerd von der Lippe; e *Kropp, idrottoch kvinnohistoria* (*História do corpo, esportes e mulher*), da filandesa Leena Liane, publicado em 1991, na Finlândia. O trabalho destas e de outras estudiosas da Europa culminaram por colocar as mulheres atletas no centro do desenvolvimento dos trabalhos sobre a história dos esportes e, da mesma forma, lançaram as bases para o surgimento de outros trabalhos sobre a história da mulher nos esportes como, por exemplo, o livro *A Concise World History of Women's Sports* (*Uma história mundial concisa dos esportes femininos*) de Uriel Simri (1983) e o livro *Women and Sports: A History* (*Mulheres e esportes: uma história*), de Allen Guttmann (1991).

- 17 Uma visão internacional e expansiva sobre a mulher atleta também foi oferecida por Roberta J. Park (1985), que forneceu um modelo a ser seguido por outras pesquisadoras e pesquisadores para que estes examinassem o conceito de “gênero” de uma perspectiva transatlântica, a fim de entender como o esporte é retratado como a arena "natural" dos homens. Seu trabalho posterior, realizado em parceria com J.A. Mangan (1987), indicou um ponto de virada na pesquisa sobre história dos esportes de mulheres, como sugere Vertinsky (1994, p. 13). O trabalho demarcou tendência empregando, em seu desenvolvimento, o uso da abordagem feminista ao examinar o período crucial da formação de atitudes e práticas relativas ao esporte - que foram predominantes no século XX.
- 18 A pesquisa destas e de outras acadêmicas foram de suma importância, pois trouxeram a mulher atleta e suas experiências esportivas para o centro das análises teóricas, exigindo que se realizasse uma abordagem feminista para analisar os esportes. Além disso, as questões levantadas por estas pesquisas exigiam investigações mais complexas que fornecessem mais informações sobre a natureza generificada do esporte moderno. Assim, o 'gênero' entrou no discurso acadêmico-científico e desestabilizou os conceitos de sexo e papéis sexuais.
- 19 A suposição da diferença¹⁴, tão presentes nos trabalhos encontrados nesse período, foi problemática ainda que proveitosa para estudos futuros. Por um lado, a pesquisa apresentou como a noção de diferença sexual reforçou ideias essencialistas relativas às mulheres, o que impediu a entrada delas nos esportes. Essas ideias seriam tratadas, no futuro, como uma preocupação política a respeito da igualdade nas práticas esportivas (English, 1978; Postow, 1980, 1983; Wentz, 1981; Young, 1979). A pesquisa nestes trabalhos também ajudou a evidenciar as velhas questões sobre as tendências dualistas, que tanto as teóricas do feminismo como as pós-modernas abordariam em seus trabalhos no futuro. Para as feministas, lidar com tais oposições como natureza *versus* cultura, corpo *versus* mente, e privado *versus* público- nas quais as mulheres eram identificadas com pertencentes às primeiras categorias - eram cruciais para entender a exclusão das mulheres nos esportes. Como os estudos deste e de períodos posteriores revelaram, os argumentos para a exclusão das mulheres no âmbito dos esportes foram apoiados por tais visões dualistas dominantes. Por outro lado, as suposições dominantes e os dualismos evocavam questões importantes que só poderiam ser abordadas através de uma revisão do conceito de "gênero" nas produções acadêmicas. Acompanhando esta revisão estava a abordagem dos estudos culturais, ou seja, a preocupação com questões sociológicas e históricas que proporcionariam críticas aos esportes e a sociedade moderna; e, a introdução de teorias pós-modernas, feministas e desconstrucionistas no escopo das análises.

Da mulher atleta à crítica cultural: perspectivas interdisciplinar e relacional

- 20 Os Estudos de Gênero trouxeram novas possibilidades de análise sobre as mulheres e os homens, em relação uns aos outros, no âmbito das práticas esportivas e, conseqüentemente, começaram a desestabilizar o discurso vigente ao afastar-se da abordagem que se tinha até então sobre “sexo” e sobre os modos de pensamento binário; indo, por sua vez, em direção a uma abordagem mais interdisciplinar nas várias subdisciplinas¹⁵. Ann Hall (1996) refere-se a essa mudança como a passagem das pesquisas influenciadas por “categorias” para pesquisas “relacionais”; ou seja, a pesquisa feminista se afastou do foco sobre as mulheres atletas indo em direção às práticas culturais esportivas, introduzindo uma segunda abordagem aos estudos sobre o “gênero”. Concebendo o gênero como um processo e um conceito relacional, as pesquisadoras começaram a desenvolver suas pesquisas a partir de perspectivas interdisciplinares e culturais, incorporando em suas análises uma série de teorias provenientes de uma variedade de disciplinas. Como Scott (1987, p. 41) sugere, gênero, quando entendido em termos relacionais, requer que as pesquisadoras se questionem sobre as implicações contidas nas definições e regras que são aplicadas de um grupo para outro; o que as localizações e atividades de homens e mulheres revelam sobre eles e elas; e o que as representações das diferenças sexuais sugerem sobre a estrutura da autoridade social, econômica e política.
- 21 Usando os trabalhos de Foucault, Gramsci, bem como direcionadas pelas teorias pós-modernas e feministas, as pesquisadoras do esporte começaram a desconstruir o esporte moderno, argumentando que “as práticas esportivas são historicamente produzidas, socialmente construídas e culturalmente definidas para servir aos interesses e necessidades de grupos poderosos na sociedade”, como Hall (1996, p. 11) escreveu mais tarde. Em uma época muito fértil para as pesquisas nos Estudos dos Esportes, a área se tornou muito mais voltada para os conceitos como globalização, pós-colonialismo, poder, hegemonia, masculinidade e corpo – enquanto socialmente construído; a mídia, por sua vez, começou a pautar e dominar os discursos sobre essas questões. No entanto, durante os anos de 1980 e 1990, é no interior das áreas da Sociologia dos Esportes e da História dos Esportes que encontramos o uso do conceito de “gênero” de maneira mais frutífera.
- 22 As teóricas feministas que atuavam na área dos esportes, como era o caso dos pós-modernas, começaram a desafiar a definição antropocêntrica do conhecimento e a criticar a epistemologia da modernidade, especificamente seu racionalismo e dualismo, alegando que estes eram modos de pensamento masculinos que serviriam para legitimar uma sociedade patriarcal¹⁶. As pesquisadoras também começaram a desafiar as estruturas conceituais nas diversas áreas de conhecimento que estudavam as práticas esportivas. Utilizando novas abordagens de pesquisa, as teóricas começaram a reconhecer a autonomia dos esportes na sociedade e, portanto, seu poder de legitimação. O uso da crítica cultural, em particular, permitiu às estudiosas examinar os processos ideológicos relativos às diferenças de gênero nos esportes, e, como Paul Willis (1982, p. 123) argumentou, “as conquistas esportivas fortalecem particularmente a identidade masculina; supõe-se que o sucesso esportivo é o sucesso em ser masculino”, e portanto “as conquistas esportivas – que são físicas – e as atividades dos homens são tomadas como sendo a mesma coisa”. O trabalho de Willis evidenciou ainda mais o

poder legitimador do esporte em termos de uma ideologia de diferença e inferioridade feminina, e foi um dos primeiros a retratar como os esportes - que são socialmente construídos e mediados - servem para mostrar que a natureza patriarcal das práticas esportivas é algo natural.

- 23 Além da crítica cultural, Mary A. Boutilier e Lucinda SanGiovanni (1983) introduziram na área dos Estudos dos Esportes as primeiras análises feitas a partir de perspectivas oriundas de correntes feministas alternativas - feminismo liberal, feminismo marxista, feminismo radical e feminismo socialista. Elas questionaram a instituição dos esportes praticados por homens e exigiram uma transformação radical dos esportes, perspectiva teórica adotada por vários outros(as) pesquisadores(as). A psicóloga esportiva Dianne Gill observou a importância de uma perspectiva feminista para análise das práticas esportivas e defendeu que a pesquisa na área da Psicologia dos Esportes deveria ser colocada em um contexto cultural mais amplo. Em 1992, Gill (p. 156) escreveu que "uma pesquisa psicológica esportiva sólida, sobre as crenças e os processos de gênero dentro do contexto social dos esportes e dos exercícios, poderia fazer avançar nosso entendimento geral sobre gênero e esportes".
- 24 Em 1984, Nancy Struna (p. 130) observou algumas limitações dentro da história dos esportes de mulheres, uma vez que em algumas pesquisas se empregavam paradigmas que haviam sido usados para examinar o esporte moderno masculino. Ela argumentou que "a história das atletas no século XX também levanta inúmeras questões sobre as relações entre esporte e sociedade e por que as pessoas se envolveram em diferentes graus no esporte". Como Vertinsky (1994) observa em sua revisão sobre a história dos esportes de mulheres, Struna aprofundou-se em temas como conflito, identidade e a relativização da igualdade. Em 1991, a partir de questões como consumo e produção, Struna concentrou suas análises tanto a partir dos esportes quanto a partir de formas de lazer; o que permitiu aos historiadores dos esportes examinarem com mais amplitude as dimensões das relações de gênero neste campo. Mais tarde, em 1996, ela continuou a inserir as relações de gênero no "contexto mais amplo das relações entre trabalho e lazer". Ao fazer isso, ela enquadrava práticas esportivas de forma mais ampla e, assim, explorou de forma mais atenta as práticas recreativas e esportivas das mulheres dos séculos 17 e 18; revelando a natureza relacional de gênero e esporte a um contexto histórico mais amplo. Catriona M. Parratt (1998, p. 9) demandou, de forma semelhante, um foco ampliado da história dos esportes incluindo, além da compreensão hierárquica e contemporânea dos esportes como práticas "masculinas, modernas e atléticas", uma gama mais diversificada de atividades; da mesma forma ela empreendeu a escrita da história dos esportes de mulheres em vez da história das mulheres no esporte.
- 25 O enfoque no poder e nos processos de dominação e subordinação, -dado que estes estão relacionados às relações de gênero nos esportes, assim como as críticas ao lugar dos esportes nas produções culturais, trouxe o corpo para o discurso teórico (Cole, 1993). Seguindo o trabalho inicial de Eleanor Metheny sobre a natureza simbólica do esporte, Jennifer Hargreaves relacionou mais explicitamente a natureza simbólica do corpo das mulheres ao caráter patriarcal do esporte moderno. A inclusão do corpo nas produções acadêmicas também revelou duas áreas adicionais de pesquisa que estavam intimamente relacionadas aos interesses de pesquisa: sexualidade e masculinidade. Em 1981, Ann Hall introduziu a ideia de identidade sexual no esporte; essa identidade seria mais tarde entendida como uma barreira para a participação das mulheres nos

esportes. A pesquisa da canadense Helen Lenskyj discursou sobre a importância do controle dos homens sobre as sexualidades das mulheres e sua relação com a exclusão destas dos esportes¹⁷. Lenskyj foi a primeira a chamar a atenção para as relações entre ideologia, sexualidades das mulheres e a participação delas nos esportes, para isso estabeleceu conexões entre anatomia, fisiologia e expressão social das sexualidades das mulheres¹⁸¹⁹. O trabalho de Susan K. Cahn (1994) estendeu a crítica, para além das práticas esportivas, em direção à cultura americana de maneira mais geral com o intuito de mostrar que a participação das mulheres nos esportes, durante mais de um século, revelou a história das relações de gênero na cultura americana. O livro de Cahn é importante porque trouxe para as análises teóricas sobre os esportes de mulheres o tema da homofobia e a reflexão (inédita) sobre o "outro" beauvoiriano - mulheres negras e lésbicas. Cahn pontuou, como em poucas outras obras feministas aqui resgatadas, a noção de que os esportes são territórios controversos, pois além de serem locais de opressão feminina, também são espaços para libertação das mulheres (Cahn, 1994)²⁰²¹.

- 26 As críticas feministas sobre os papéis sexuais, a sexualidade e o caráter patriarcal sexista dos esportes modernos trouxeram um novo objeto para as pesquisas nos Estudos dos Esportes: as masculinidades. Assim, pesquisadoras(es) e acadêmicas(os) começaram a criticar os esportes modernos como atividades originadas a partir da crise da masculinidade que perdurou durante o século XIX. A obra precursora de D.F. Sabo e R. Runfola, publicado em 1980 sucederam análises críticas que empregavam o conceito de gênero como categoria fundamental de análise. Muitos destes trabalhos abordaram a natureza das relações entre esportes, homens, gênero e a forma como os esportes têm sido utilizados na construção das masculinidades, que é opressiva para as mulheres e repressiva para os homens²². Pouco tempo depois, pesquisadores europeus também contribuíram com pesquisas sobre esportes e masculinidades, indicando muitas vezes que os esportes e as masculinidades estão intimamente ligados ao nacionalismo e ao militarismo, diferenciando-se das pesquisas nos EUA. Em 1991, o pesquisador dinamarquês Hans Bonde publicou o livro *Mandighedog Sport (Masculinidade e Esporte)* e mais tarde com seu trabalho sobre Niels Bukh²³ estabeleceu uma conexão entre política, masculinidade e esporte. No Reino Unido, J.A. Mangan conectou gênero e esporte a partir de análises feitas sobre a educação de homens britânicos em escolas públicas e mais tarde expandiu sua análise para a Europa com o livro *Making European masculinity: sport, Europe, and gender (Fabricando a masculinidade europeia: esporte, Europa e gênero)* (2000) e *"Manufactured" masculinity: Making imperial manliness, morality and militarism (A masculinidade "manufaturada": Fabricando a virilidade imperial, moralidade e militarismo)* (2012). O pesquisador francês Thierry Terret conectou o rúgbi à masculinidade em *Learning to be a man: French rugby and masculinity (Aprender a ser homem: O rúgbi francês e a masculinidade)* (1999). Ele e Arnaud Waquet estabeleceram conexões entre esportes e masculinidades à experiência da guerra e da política (Terret, 2011; Waquet, 2011). Um pouco mais tarde, Julie Gaucher, outra acadêmica francesa, abraçou as conexões entre raça, masculinidade, esporte e as representações destas categorias em intersecções na literatura francesa, novamente uma abordagem diferente para os estudos de gênero e dos esportes (Gaucher, 2009).
- 27 A pesquisa sobre sexualidades trouxe discussões sobre a marginalização das mulheres de cor e dos homens gays nas práticas esportivas, bem como focou nos casos de homofobia presentes nos esportes (Connell, 1987). O trabalho de Brian Pronger (1990) é digno de nota, na medida em que busca compreender as relações entre gênero e sexo

focando nas experiências de atletas amadores, ao invés de atletas de elite/profissionais. Estendendo a homossexualidade a uma compreensão mais amplada das relações entre sexo e gênero, o trabalho de Pronger iniciou um campo de pesquisa que começaria um pouco mais tarde, quando então as(os) pesquisadoras(es) procurariam desconstruir o conceito de gênero na tentativa de entender quais eram as relações entre sexualidade, sexo e gênero, usando um novo paradigma feminista, a intersubjetividade.

- 28 Percebendo o "gênero" como um processo sociocultural, bem como imbuídos da crítica às contribuições dos esportes e de outras instituições para a contínua dominação e subordinação das mulheres, pesquisadores(as) começaram a criticar a institucionalização da discriminação nos esportes modernos. Reconhecer o esporte como uma instituição que desenvolveu, praticou e recompensou a discriminação contra as mulheres foi de suma importância no exame de outras instituições como a mídia e a política que também promoviam ideologias similares. De notável importância é a análise socio-histórica de Jennifer Hargreaves (1994), na qual ela notou a ausência das teorias de gênero aplicadas às práticas esportivas e ofereceu uma análise mais abrangente da natureza generificada dos esportes modernos e da institucionalização da discriminação contra mulheres nos esportes modernos. Pesquisadores e pesquisadoras também se interessaram pelas formas como as instituições promoviam a diferenciação sexual nos esportes, e logo voltaram seu interesse para a mídia justamente pela "importância dos seus discursos, representações e ideologias na naturalização do domínio masculino nas práticas esportivas" (McKay & Huber, 1992, p. 207)²⁴
- 29 A pesquisa sobre os usos do "gênero" entre os anos de 1980 e 1990, mais particularmente na história dos esportes e na sociologia dos esportes, demonstrou sua importância para o desenvolvimento acadêmico da área Estudos dos Esportes. Através das produções sobre gênero, os(as) pesquisadores(as) abraçaram as correntes teóricas pós-moderna e feminista, culminando na produção de críticas muito necessárias aos esportes modernos. As abordagens feminista, interdisciplinar e dos Estudos Culturais desafiaram a natureza hegemônica do conhecimento na disciplina (de suas teorias, paradigmas e métodos de análise; assim como a relação entre as várias áreas do conhecimento científico e suas metodologias nas subdisciplinas). Tais pesquisas "descentralizaram o centro", encorajando o movimento através das fronteiras das disciplinas tradicionais; e transformaram abordagens metodológicas, bem como as preocupações da disciplina. Questões relativas ao "gênero" contribuíram para a necessidade de uma visão alternativa de gênero - a interrelacional. Tal visão exigiu um novo enfoque na área dos Estudos dos Esportes e proporcionou a introdução de outros paradigmas e metodologias.
- 30 Foi novamente o trabalho de Roberta J. Park que refletiu sobre as mudanças de perspectivas e sobre a busca de novos paradigmas e metodologias. Em 1991, como editora convidada de um número especial do *Journal of the History of Sport* (*Revista da História dos Esportes*) dedicado ao gênero, Park argumenta que o conceito "longe de ser monolítico (...) pode ser influenciado por outros conceitos como raça, etnicidade, idade cronológica, classe social, status político e muito mais". Além disso, ela afirma: "Para muitos (...) 'gênero' pode ser melhor - e provavelmente apenas - entendido a partir de perspectivas comparativas". A interconectividade e a natureza interrelacional relativas ao conceito de gênero e às práticas esportivas tinham se tornado evidentes; da mesma forma serviram de bases para a mudança da compreensão do conceito de gênero que

orientava as produções acadêmicas na área dos Estudos dos Esportes, além de exigir abordagens metodológicas novas e diferentes.

O gênero como interacional e intersubjetivo: perspectivas transdisciplinares

- 31 Nos anos 1970, as mulheres de cor, as lésbicas e das classes trabalhadoras começaram a desafiar o feminismo da diferença - diferença dos homens - argumentando que a perspectiva posta até então era a de um feminismo uniforme e universalizante. O desafio irrompia do pressuposto de que todas as mulheres têm algo em comum e que esta uniformidade criaria um tipo particular de experiência compartilhada e, portanto, um entendimento uniforme do feminismo.
- 32 Um debate saudável surgiu na literatura acadêmica focando na diversidade entre as mulheres, bem como nas implicações desta diversidade para as conceitualizações de gênero. A alegação era que as feministas brancas de classe média não falavam por todas as mulheres. Segundo Spelman, o feminismo branco se via como um feminismo universal e não conseguiu construir uma base inclusiva (Spelman, 1988). As feministas da segunda onda afirmavam que elas haviam usado o termo "gênero" para desestabilizar a biologia. Como viemos a entender, o gênero feminino não era simplesmente entendido como um produto cultural e psicológico de ser biologicamente fêmea, mas era sim compreendido como um produto cultural de dominação patriarcal. As mulheres de cor insistiam que outras forças culturais, como o racismo e o classicismo, também eram determinantes para a compreensão do gênero feminino; dessa forma elas apontaram que existem diferenças entre mulheres brancas de classe média, mulheres de cor, e mulheres pobres.
- 33 As feministas responderam essa crítica com uma ferramenta analítica conhecida como "interseccionalidade", que Jennifer C. Nash (2008) definiu recentemente como um novo paradigma feminista que teoriza as identidades e as opressões, para combater a hierarquia, a hegemonia e a exclusividade (também dentro do feminismo). Observando que as categorias - incluindo raça e gênero - são muito simplistas para capturar a complexidade da experiência vivida, Nash propôs que o gênero seja entendido como as diferentes formas pelas quais as mulheres agem, pensam e sentem, dadas suas circunstâncias históricas, bem como a variedade de papéis, expectativas e limitações impostas a elas. Além disso, gênero sempre tem significados específicos e contextualizados; não é algo que todas as mulheres compartilham da mesma maneira. De acordo com Nash, a interseccionalidade serve a alguns propósitos teóricos e políticos que permitem as pesquisadoras(es) criar novos paradigmas teóricos para uma revisão de gênero. Primeiramente, ao teorizar a identidade a interseccionalidade subverte, simultaneamente, os opostos binários relativos à raça e ao gênero. Em segundo lugar, as variações raciais dentro do gênero e as variações de gênero dentro da raça podem ser mais facilmente compreendidas através de uma visão interseccional. Por último, a interseccionalidade permite as pesquisadoras e aos pesquisadores a compreensão do legado das exclusões vivenciadas por sujeitos marginalizados das teorias feministas e das teorias críticas da raça; bem como permite compreender, tanto na teoria como na prática, o impacto dessas ausências. A partir do exame crítico da sociedade e da cultura, a teoria crítica da raça, a teoria feminista e a teoria marxista - que possuem interesses compartilhados para compreensão das exclusões e dos

privilégios no âmbito das práticas esportivas -, tornaram-se úteis para fomentar a crítica dos esportes do ponto de vista interseccional nos anos 1970 e 1980.

- 34 De acordo com esta visão, a interseccionalidade evitaria essencialismos porque permite o reconhecimento das diferenças entre as mulheres. Dessa forma espera-se que a categoria evite o essencialismo que postula uma similaridade entre todas as mulheres que pode ser derivada de teorias baseadas apenas nas experiências de mulheres de classe média. Além disso, a interseccionalidade refere-se a múltiplas opressões vividas por mulheres não-brancas e pobres em particular, e, por consequência, requer uma degenerificação de nossas perspectivas.
- 35 Uma série de críticas feitas ao conceito de gênero, e que apontavam para a necessidade de uma análise interseccional, apareceram na literatura feminista. Em seu livro Judith Lorber argumenta que "o gênero é um sistema binário de organização social que cria desigualdades" (2005). Degenerificar significa "reconhecer que os dois gêneros não são de forma alguma categorias homogêneas, uma vez que são interseccionados por outros grandes marcadores sociais da diferença—como, por exemplo, grupo étnico e/ou racial, classe social, nacionalidade, religiosidade - e por variações individuais tais como idade, orientação sexual, estado civil parental, condição física". Em outras palavras, as multiplicidades de gênero – diversidade de gênero e liberdade de gênero – sugerem uma vida fora do sistema binário sexo/gênero. Além disso, Lorber defende que devemos estar abertos à intersexualidade, aos transgêneros e queers, à fluidez sexual e às apresentações deliberadamente ambíguas e não baseadas no gênero. A visão do gênero dentro da lógica da interseccionalidade redefine-o "como uma constelação de ideias e práticas sociais que historicamente se situam dentro de múltiplos sistemas de opressão mutuamente construídos" (Collins, 1999).
- 36 De acordo com Leslie Heywood e Jennifer Drake no livro *ThirdWave Agenda (Agenda da Terceira Onda)* em apoio a este novo paradigma as feministas da terceira onda tomam a produção cultural e a política sexual como locais cruciais para o enfrentamento. Elas procuram usar o desejo e o prazer, assim como a raiva, para alimentar as lutas pela justiça. Além disso, as feministas da terceira onda buscam novas subjetividades, linguagens e imagens que respondam às multiplicidades e diferenças, que negociem a contradição de maneira afirmativa e que deem voz a uma política de coalizão.
- 37 A fim de conduzir pesquisas que não se baseiem na universalização e na essencialização dos sujeitos, logo surgiram perguntas sobre as metodologias da interseccionalidade, o intuito era orientar pesquisas sobre aqueles(as) que "vivem fora do sistema binário sexo/gênero...". Segundo Lorber, a maioria dos projetos de pesquisa (em sociologia) assume que cada pessoa tem um sexo, uma sexualidade e um gênero (Lorber, 1996). Em seu trabalho posterior, ela argumenta que precisamos reconhecer a multiplicidade de gêneros, sexos e sexualidades. Contudo a dificuldade está na necessidade utilizar categorias para análise, e ao mesmo tempo desconstruí-las. Em outras palavras, como as pesquisadoras e pesquisadores podem conduzir pesquisas sem reificar e contribuir para a existência de tais categorias? Além disso, Lorber postula que as(es) pesquisadoras(es) devem dividir aquilo que foi reunido ou agrupado: sexo (biologia, fisiologia); sexualidade (desejo, preferência sexual, orientação sexual); e gênero (um status social, às vezes com identidade sexual). Além disso, as(es) pesquisadoras(es) argumentaram que há uma necessidade de criar paradigmas de pesquisa que examinem as construções e os processos sociais incutidos no sexo, na sexualidade e no gênero assim como fizemos para a raça, etnia e classe social.

- 38 A mudança paradigmática na pesquisa feminista em direção à interseccionalidade também apareceu nas pesquisas da área dos Estudos dos Esportes, sobretudo nos trabalhos preocupados com o gênero. Já em 1990, as pesquisadoras dos esportes abraçaram o trabalho de estudiosas feministas como Judith Butler, Elizabeth Grosz e Judith Lorber. Como observado anteriormente, seguindo o trabalho de Roberta Park, no início dos anos 1990, as historiadoras dos esportes começaram a reconhecer que o gênero não era monolítico; ao contrário, ele se cruza com uma série de outras dimensões da experiência humana e das identidades nos esportes como, por exemplo, raça, etnicidade, idade, classe social e *status* político. Refletindo sobre a tendência à interseccionalidade, as pesquisadoras dos esportes começaram a abordar o estudo do gênero de forma inovadora, incluindo o uso de conceitos²⁵ ou temas (ao invés de teorias), bem como misturando metodologias e fontes de conhecimento, mais particularmente o uso de narrativas (Bandy, 2004c; Denison&Markula, 2003; Markula, 2005; Sparkes&Silvenninen, 1999). Além disso, procuravam desconstruir o conceito de gênero, as pesquisadoras começaram a adotar perspectivas transdisciplinares e transnacionais, percebendo o gênero (e também raça, classe social e etnia) de um ponto de vista interrelacional e interseccional. De particular destaque aqui é o aparecimento de uma revista acadêmica explicitamente dedicada aos usos de temas como um meio de abordar perspectivas interdisciplinares - que incorporavam práticas que vinham sendo frequentemente utilizadas em análises acadêmicas na área dos Estudos dos Esportes. Estruturada em torno de temas específicos e não em torno de disciplinas específicas, a *Junctures: A Journal of Thematic Dialogue* (Conjunções: Uma Revista de Diálogo Temático) surgiu em dezembro de 2003 e foi criada para ampliar os limites da interdisciplinaridade, englobando trabalhos de várias áreas a partir da perspectiva de várias áreas; esses trabalhos por sua vez examinam temas específicos, como o corpo, o jogo, o espaço, a linguagem - assuntos que podem ser facilmente ligados aos esportes.
- 39 As(os) pesquisadoras(es) puderam se basear em uma imensa quantidade de pesquisas de uma gama diversificada de pesquisas e adotaram novas metodologias e abordagens para o desenvolvimento dos seus trabalhos; o que reflete uma abordagem que "descentraliza" as organizações hierárquicas e os padrões de conhecimento que vinham predominando até então e que também aponta para a importância das perspectivas transdisciplinares²⁶. Entre as mais importantes estão o uso de conceitos²⁷ ou temas (ao invés de teorias) e uma mistura de metodologias e fontes de conhecimento, mais particularmente o uso de narrativas (Sparkes&Silvenninen, 1999; Denison&Markula, 2003; Bandy, 2004c; Markula, 2005). Neste contexto, o gênero torna-se fluido e multifacetado e serve como um conceito de interconexão na compreensão de diferentes pontos de vista, resultando na inclusão simultânea de uma perspectiva generificada entre perspectivas múltiplas e conectadas²⁸. Embora muitas pesquisas publicadas recentemente não incorporem uma perspectiva de gênero, algumas pesquisas apontam para perspectivas transdisciplinares em estudos esportivos, e algumas delas nos apresentam uma nova visão no tratamento do conceito de gênero nos esportes²⁹.
- 40 Na medida em que as(os) pesquisadoras(es) continuavam seus trabalhos sobre as interrelações e as multiplicidades do gênero - intersecções entre gênero, cor, etnicidade, raça e sexualidade - despertava-se o interesse por "outras" mulheres - mulheres de cor, lésbicas e aquelas fora das margens da teoria e da prática dos esportes dominantes. Dessa forma essas mulheres passaram a figurar nas produções acadêmicas, mais notadamente nas abordagens da sociologia dos esportes. O trabalho de Susan Cahn

sobre as "Cinderelas" do esporte, por exemplo, incluiu histórias de mulheres de cor, assim como de mulheres lésbicas. Jennifer Hargreaves (2000) reconheceu de forma semelhante as "outras" dos esportes em um estudo sobre mulheres aborígenes, deficientes, muçulmanas e lésbicas a partir de uma perspectiva transnacional³⁰. Ao invés de se interessar pelo processo de globalização e seu impacto no esporte contemporâneo, Hargreaves olha de um ponto de vista transnacional e usa uma mistura de métodos e fontes para examinar a relação entre as experiências esportivas e as identidades das "outras" em diferentes partes do mundo. Usando as noções de poder de Foucault, ela examina as relações de poder entre as mulheres, empregando os conceitos de inclusão e exclusão, poder e privilégio, para observar a relação entre o local e o global. Neste contexto, o gênero é visto como uma experiência compartilhada e universal, enquanto uma experiência que marca diferença (de acordo com a nacionalidade, sexualidade, deficiência, religião e classe social) e elabora identidades individuais nos esportes. Com interesse na perspectiva transnacional - aquela que existe entre as nações ou talvez entre as pessoas - o trabalho de Hargreaves examina tanto a simultaneidade de múltiplas opressões quanto a complexidade das identidades.

- 41 Em uma tentativa de desconstruir ainda mais o gênero no contexto dos esportes, a interseccionalidade surgiu como uma metodologia, ou abordagem, para compreensão da multiplicidade e fluidez do gênero. Por exemplo, Leslie Heywood e Shari L. Dworkin (2003) estudam como uma mulher atleta pode ser pensada como um ícone cultural através de uma variedade de abordagens: teoria feminista, filmes, entrevistas, poesias e representações. Seu trabalho também discorre sobre o corpo no esporte, incluindo o corpo feminino e masculino, tentando explorar a fluidez do gênero. De maneira semelhante, Barbara Cos e Shona Thompson, ao analisar os esportes, estabelecem a ligação entre "corpos múltiplos" e questões relativas às experiências de sexualidade nesses espaços; da mesma forma trabalham sobre os múltiplos discursos que sugerem que o futebol feminino proporciona experiências corporais emancipatórias (Cos & Thompson, 2000).
- 42 Com a intenção de examinar e produzir análises acadêmicas mais detalhadas sobre a história dos esportes, as historiadoras também se voltaram para fontes de pesquisas menos tradicionais. De acordo com a análise de Jeff Segrave, o livro de Elliot Gorn, *The Manly Art (A arte viril)*, não é apenas a história do esporte em si. Ao contrário, a partir de uma análise sobre o boxe, inclui a história de gênero, a história social e a história do trabalho. Nesta abordagem integrativa, Gorn utiliza fontes que muitas vezes não são utilizadas na história esportiva mais tradicional como, por exemplo: jornais e panfletos populares, ficção e poesia, e até mesmo versos burlescos e canções populares (Segrave, 2010).
- 43 Pode-se argumentar que Loic Wacquant, ex-aluno de Pierre Bourdieu com quem ele escreveu *Um Convite à Sociologia Reflexiva* (1992), mistura mais conscientemente fontes, teorias e metodologias, enquanto abraça a interseccionalidade como um método de estudo dos esportes; afinal Wacquant percebe os conceitos de raça, gênero e esportes, como processos sociais que informam uns aos outros, ao mesmo tempo em que operam de maneiras específicas. Ao analisar raça no livro *Corpo e na alma: Notas de um Aprendiz Boxer* (2004), por exemplo, Wacquant defendeu que os cientistas sociais deveriam "contornar as questões de origem e abandonar a busca de um único conceito abrangente para desenvolver uma análise da dominação racial". Em seu trabalho, ele dispensa uma busca por "origens" e examina as formas como vários processos de

subordinação e experiência se fundem durante momentos sociais particulares. Em sua análise magistral sobre o boxe, Wacquant não apenas abraça a interseccionalidade, como utiliza uma abordagem transdisciplinar, incluindo as perspectivas da sociologia, etnologia, literatura e Estudos dos Esportes para fornecer uma crítica social a partir das perspectivas de raça, classe social e gênero. Educado como sociólogo e engajado como boxeador amador, Wacquant traz para sua análise a teoria sociológica, os "dados" etnográficos e as percepções literárias; ao mesmo tempo em que valida as formas de conhecimento advindas do empírico, do gênero e das experiências corporais no esporte. Tal análise revela que existem diferentes níveis de realidade que são revelados em múltiplas formas de conhecimento, apontando assim para a importância de abordagens transdisciplinares para a área dos Estudos do Esportes. Wacquant descreve o propósito de seu livro da seguinte forma.

Rompendo com o discurso moralizante - que indiferentemente se alimenta de celebrações e difamações - produzido pelo "olhar de longe" de um observador externo que se encontra à distância ou acima do universo específico, este livro procura sugerir como o boxe "faz sentido" assim que nos empenhamos em aproximar-nos dele o suficiente para agarrá-lo *com o próprio corpo*, em uma situação quase experimental. É por esta razão composto de três textos de estatutos e estilos deliberadamente díspares, que justapõem análise sociológica, descrição etnográfica e evocações literárias para transmitir de uma só vez a percepção e o conceito, as determinações ocultas e as experiências vividas, os fatores externos e as sensações internas que se misturam para construir o mundo do boxeador. Em resumo, o livro tem como objetivo exibir e demonstrar, no mesmo movimento, a lógica social e sensual que fundamenta o boxe como uma arte corporal dogueto negro norte-americanocontemporâneo (Wacquant, 2004, p. 7).

- 44 Os estudiosos do esporte podem tirar proveito do trabalho de Wacquant de várias maneiras importantes: examinando a forma como as categorias raciais e sociais utilizam tecnologias diferenciadas de categorização, observando a disciplina do corpo de maneiras distintas e refletindo sobre a junção de certas experiências sociais, históricas, representacionais, corporais e esportivas.
- 45 A introdução da Teoria Queer também forneceu uma estrutura teórica que poderia ser usada para avançar as investigações interseccionais e transdisciplinares de gênero e esportes. Introduzida em 1991, por Teresa de Laurentis, a Teoria Queer fomentou uma crítica sobre a identidade sexual esobre a desconfiança do pós-modernismo em relação a verdades fundamentais, bem como alterou a maneira como pensamos gênero, sexualidade, desejo e o corpo nos Estudos dos Esportes. Em um nível teórico, as(es) pesquisadoras(es) notaram a ausência da Teoria Queer nos Estudos dosEsporte -assim como em outras áreas da produção acadêmica - revelando que esta ausência funciona de maneira a conter análisesque sejam mais expansivas, abrangentes, interrelacionais e interseccionais. Como as teóricas queer descobriram, múltiplas categorias em conjunçãodesestabilizam a confortável política familiar dos opostos binários - que assume um grupo dominante e um subordinado, uma identidade normal e uma identidade desviante, um status hegemônico e um "outro".
- 46 O desenvolvimento teórico mais recente nos Estudos dos Esportes tem sido um foco na sexualidade a partir de um ponto de vista interseccional. Influenciadas(os) pela expansão das noções de gênero e também por influência da Teoria Queer, as(es) pesquisadoras(es) se concentram em analisar as formas pelas quais foi exercido o controle e a contenção das sexualidades das mulheres, bem comoo controle e contenção das expressões de sexualidades nos esportes de mulheres. As(es) pesquisadoras(es)

também tem voltado sua atenção para as aplicações, por parte de organizações esportivas, dos testes de gênero e testes de verificação de gênero; bem como voltam-se para a investigação das políticas de inclusão de pessoas transexuais e transgêneros nos esportes (Caudwell 2006; Cavanaugh & Sykes, 2006; Ritchie, 2003; Sykes, 2006).

BIBLIOGRAFIA

- BOUTILIER, Mary; SAN GIOVANNI, Lucinda. **The sporting woman**. Champaign, IL: Human Kinetics Publishers, 1983.
- BROOKS, George. **Perspectives on the academic discipline of physical education**. Champaign, IL: Human Kinetics Publishers, 1981.
- CAHN, S.K. **Coming on strong**: Gender and sexuality in twentieth century women's sport. London: Harvard University Press, 1994.
- CAUDWELL, Jane. **Sport, sexualities and queer theory**. London: Routledge, 2006.
- CAVANAUGH, Sheila, & SYKES, Heatehr. Transsexual bodies at the Olympics: The international olympic policy on transsexual athletes at the Athens summer games. **Body and Society**, vol. 12, nº 3, p. 75–102, 2006. Disponível em: < <https://tspace.library.utoronto.ca/bitstream/1807/32754/1/Cavanagh%20%26%20Sykes%20%282006%29%20post%20print%20.pdf> >. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.
- CHODOROW, N. **The reproduction of mothering**: Psychoanalysis and the sociology of gender. Berkeley: University of California Press, 1978.
- COLE, Cheryl L. Resisting the Canon: Feminist Cultural Studies, Sport, and Technologies of the Body. **Journal of Sport and Social Issues**, vol. 17, p. 79–97, 1993. Disponível em: < <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/019372359301700202> >. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.
- COLLINS, Patricia Hill. Moving beyond gender: Intersectionality and scientific knowledge. FERREE, Myra Marx; LORBER, Judith; HESS, Beth B. (Eds.). **Revisioning gender**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1999.
- CONNELL, R.W. **Gender and power**: Society, the person, and sexual politics. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.
- BAL, M. **Traveling concepts in the humanities**: A rough guide. London: University of Toronto Press, 2002.
- BALE, J.; PHILO, C. **Body cultures**: Essays on sport, space and identity. London: Routledge, 1997.
- BANDY, Susan J. Fra "sex" til "gender", fra kvinder og sport til kulturkritik og fra det nationale til det transnationale: En oversigt over amerikansk, canadisk og britisk forskning i sport og køn. **Dansk Sociologi**, vol.15, nº2, p.125–135, 2004a. Disponível em: < <https://rauli.cbs.dk/index.php/dansksociologi/article/view/243/256> > . Acesso em 29 de Dezembro de 2021.
- BANDY, Susan J. **Nordic narratives in sport and physical culture**: Transdisciplinary perspectives, Skriftserien LUDUS, nr. 2, Faculty of Natural Sciences, Aarhus Universitet, p. 17–39, 2004b.

- BANDY, Susan J. Transdisciplinarity, sport, and physical culture: An Introduction. BANDY, Susan J. (Ed.) **Nordic narratives in sport and physical culture: Transdisciplinary perspectives**. Skriftserien LUDUS, n° 2, 2004, Faculty of Natural Sciences, Århus Universitet, 2004c.
- BIRELL, S. Discourses on the gender/sport relationship: From women in sport to gender relations. **Exercise and Sport Sciences Reviews**, vol. 16, p. 459–502, 1988.
- BOCH, G. Challenging dichotomies: Perspectives on women's history. OFFEN, K. et al., (Eds). **Writing women's history: International perspectives**. London: Macmillan, 1991.
- BONDE, H. **Mandighed og Sport**. Odense: Universitetsforlag, 1991.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic. **An invitation to reflexive sociology**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- COS, B.; THOMPSON, S. Multiple bodies: Sportswomen, soccer and sex. **International Review of Sociology of Sport**, vol. 35, p. 5–20, 2000.
- COSTA, D.M.; GUTHRIE, S.R. **Women and sport: Interdisciplinary perspectives**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1994.
- CREEDON, P.J. **Women, media and sport: Challenging gender values**. London: Sage Publications, 1994.
- DENISON, J.; MARKULA, P. **Moving writing: Crafting movement in sport research**. New York: Peter Lang, 2003.
- ENGLISH, J. Sex equality in sport. **Philosophy and Public Affairs**, vol. 7, n° 3, p. 269–277, 1978.
- FEATHERSTONE, Mike; TURNER, Bryan S. Body and society: An introduction. **Body and Society**, vol.1, n° 1, p. 1–12, 1993.
- FIRESTONE, Shulamith. **The dialectic of sex**. New York: Bantam Books, 1970.
- FLINTOFF, A.; SCRATON, S. **Gender, Sport and Sexuality**. London: Routledge, 2002.
- FRANK, A.W. Bringing bodies back in: A decade review. **Theory, Culture & Society**, vol. 7, p. 131–162, 1990.
- GAUCHER, J. Black males in the stadium: All “bad niggers”? French literature, sport and masculinity from the 1920s to the 1950s. **The International Journal of the History of Sport**, vol. 26, n° 9, p. 1171–1186, 2009.
- GERBER, E.; FELSHIN, J.; BERLIN, P.; WYRICK W. **The American woman in sport**. London: Addison Wesley Publishing Company, 1974.
- GILL, D. Gender and Sport Behavior. HORN, T. S. (Ed.). **Advances in sport psychology**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1992.
- GILLIGAN, C. **In a different voice: Psychological theory and women's development**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.
- GORN, E.J. **The manly art: Bare knuckle prize fighting in America**. Ithaca: Cornell University, 1986.
- GRENEAU, R. The critique of sport in modernity: Power, culture, and the politics of the body. DUNNING, Eric, et. al. (Eds.). **The sports process: A comparative and developmental approach**. London: Human Kinetics, 1993.
- GRIFFIN, P. **Strong Women, Deep Closets: Lesbians and Homophobia in Sport**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1998.

- HALL, M. Ann. **Sport and gender: A feminist perspective on the sociology of sport**. Ottawa: CAHPER, 1978.
- HALL, M. Ann. **Sport, sex roles, and sex identity**. Ottawa, Ontario: Canadian Research Institute for the Advancement of Women, 1981.
- HALL, M. Ann. The discourse of gender and sport: From femininity to feminism. **Sociology of Sport Journal**, vol.5, p.330–340, 1988. Disponível em: < <https://journals.humankinetics.com/view/journals/ssj/5/4/article-p330.xml> > . Acesso em 29 de Dezembro de 2021.
- HALL M. Ann. **Feminism and sporting bodies: Essays on theory and practice**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1996.
- HARGREAVES, J. **Sporting females: Critical issues in the history and sociology of women's sports**. London: Routledge, 1994.
- HARGREAVES, J. **Heroines of sport: The politics of difference and identity**. New York: Routledge, 2000.
- HARTMANNTWEWS, I.; PFISTER, G. **Sport and women: Social issues in international perspective**. London: Routledge and ISCPES, 2003.
- HEKMAN, S.J. **Gender and knowledge: Elements of a postmodern feminism**. Cambridge: Polity Press, 1990.
- HENRY, Franklin. Physical education: An academic discipline. **Journal of Health, Physical Education, and Recreation**, vol.35, 1964. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00221473.1964.10621849> > . Acesso em 29 de Dezembro de 2021.
- HEYWOOD, L.; DWORKIN, S.L. **Built to win: The female athlete as cultural icon**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.
- HOVDEN, J. The female top athlete's body as a symbol of modern femininity. LAINE, L. **On the fringes of sport**. Sankt Augustin, Germany: Academia Verlag, 1983.
- HOWELL, R. **Her story in sport: A historical anthology of women in sports**. West Point, NY: Leisure Press, 1982.
- INGHAM, Allan; DONNELLY, Peter. A sociology of North American sociology of sport: Disunity in unity, 1965 to 1996. **Sociology of Sport Journal**, vol. 14, p. 363–418, 1997. Disponível em: < <https://journals.humankinetics.com/view/journals/ssj/14/4/article-p362.xml> > . Acesso em 29 de Dezembro de 2021.
- KENYON, G.S. **On the conceptualization of subdisciplines within an academic discipline dealing with human movement**. Proceedings of the NCPEAM National Conference, p. 34–45, 1968.
- KING, A.R.; BROWNELL, J.A. **The curriculum and the disciplines of knowledge**. New York: John Wiley and Sons, 1966.
- KOESTLER, A. **The act of creation**. New York: Macmillan, 1964.
- KRATZMULLER, B. Girls running a race in the ancient gymnasium of Bauron? – Ancient arkteia and Bauronia reconsidered. GORI, G. (Ed.). **Sport and gender matters in western countries: Old borders and new challenge**. Sankt Augustin: Academia Verlag, 2008.
- LENSKYJ, H.J. **Out on the field: Gender, sport, and sexualities**. Toronto, ON: Women's Press, 2003.
- LORBER, J. Beyond binaries: Depolarizing the categories of sex, sexuality, and gender. **Sociological Inquiry**, vol.66, n°2, p.143–159, 1996. Disponível em: < <https://>

- onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1475-682X.1996.tb00214.x>. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.
- LORBER, J. **Breaking the bowls: Degendering and feminist change**. New York: W.W. Norton & Company, 2005.
- LOY, J. The nature of sport: A definitional effort. **Quest**, vol. 10, p. 1-15, 1968. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00336297.1968.10519640>>. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.
- MANGAN, J.A.; PARK, R.J. **From “fair sex” to feminism: Sport and the socialization of women in the industrial and post-industrial eras**. London: Frank Cass and Company Ltd, 1987.
- MANGAN, J.A. **Making European masculinity: Sport, Europe, and gender**. London: Routledge, 2000.
- MANGAN, J.A. **Manufactured masculinity: Making imperial manliness, morality and militarism**. London: Routledge, 2012.
- MARKULA, P. **Feminist sport studies: Sharing experiences of joy and pain**. Albany, NY: State University of New York Press, 2005
- MCKAY, J.; HUBER, D. Anchoring media images of technology and sport. **Women’s Studies International Forum**, vol. 15, nº 2, p. 205-218, 1992. Disponível em: < <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/027753959290101Z>>. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.
- MCKAY, J.; MESSNER, M.; SABO, D. **Masculinities, gender relations, and sport**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2000.
- MESSNER, M.A. **Power at play: Sports and the problem of masculinity**. Boston: Beacon Press, 1992.
- MESSNER, M.A.; SABO, D. **Sport, men, and the gender order: Critical feminist perspectives**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1990.
- MESSNER, M.A.; SABO, D.F. **Sex, violence and power in sports: Rethinking masculinity**. Freedom, CA: Crossing Press, 1994.
- NASH, J.C. Rethinking intersectionality. **Feminist Review**, vol. 89, p. 1-15, 2008. Disponível em: < <https://journals.sagepub.com/doi/10.1057/fr.2008.4>>. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.
- NICOLESCU, B. **Manifesto of transdisciplinarity**. Albany, NY: State University of New York Press, 2002.
- NIXON, J.E. The criteria of a discipline. **Quest**, vol. 9, p. 42-48, 1967. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00336297.1967.10702785>>. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.
- OAKLEY, A. **Sex, gender and society**. London: Temple Smith, 1972.
- OFFEN, K.; PIERSON, R.R.; RENDELL, J. **Writing women’s history: International perspectives**. London: Macmillan, 1991.
- OGLESBY, C.A. **Women and sport: From myth to reality**. Philadelphia: Lea &Febiger, 1978.
- OSTRIKER, A.S. **Stealing the language: The emergence of women’s poetry in America**. Boston: Beacon Press, 1968.

PARK, R.J. Sport, gender and society in a transatlantic Victorian perspective. **British Journal of Sports History**, vol.2, p.5–28, 1985. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523360701619006>>. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.

PARK, R.J. Guest editor's introduction. **Journal of Sport History**, vol. 18, nº 1, p. 5–9, 1991.

PARK, R.J. A decade of the body: Researching and writing about the history of Health fitness, exercise and sport, 1983–1993. **Journal of Sport History**, vol 21, nº 1, p. 59–82, 1994. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43610596>. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.

PARRATT, C.M. From the history of women in sport to women's sport history. COSTA, D.M; GUTHRIE, S.R. (Eds.). **Women and sport: Interdisciplinary perspectives** Champaign, IL: Human Kinetics, 1994.

PARRATT, C.M. Little means or time: Workingclass women and leisure in late Victorian and Edwardian England. **The International Journal of the History of Sport**, vol.15, nº 2, p. 22–53, 1998. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523369808714027>> . Acesso em 29 de Dezembro de 2021.

PFISTER, G. Doing gender - die Inszenierung des Geschlechts im Eiskunstlauf und im Kunstturnen. NORBERG, J.R. (Ed). **Studier i idrott, historia och samhälle**. Tillägnade professor Jan Lindroth på hans 60-årsdag. Stockholm: HLA Förlag, 2000.

POSTOW, B.C. Women and masculine sports. **Journal of the Philosophy of Sport**, vol. 7, p. 51–58, 1980. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00948705.1980.9714366>>. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.

POSTOW, B.C. **Women, philosophy, and sport: A collection of new essays**. Metuchen, NJ: Scarecrow Press, 1983.

PRONGER, B. **The arena of masculinity: Sports, homosexuality, and the meaning of sex**. New York: St. Martin's Press, 1990.

RARICK, G.L. The domain of physical education as a discipline. **Quest**, vol. 9, p 49–52, 1967. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00336297.1967.10702786>>. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.

RITCHIE, I. Sex tested, gender verified: Controlling female sexuality in the age of containment. **Sport History Review**, vol. 34, p. 80–98, 2003. Disponível em: < <https://journals.humankinetics.com/view/journals/shr/34/1/article-p80.xml>>. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.

SAARINEN A. **Feminist research intellectual adventure?** Tampere: University of Tampere Research Institute for Social Sciences, 1992.

SABO, D.F.; RUNFOLA, R. **Jock: sports and male identity**. Englewood Cliffs, NJ: PrenticeHall, 1980.

SCOTT, J.W. Women's history and the rewriting of history. FARNHAM, C. (Ed.). **The impact of feminist research in the academy**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

SCRATON, S.; FLINTOFF, A. **Gender and sport**. London: Routledge, 2002.

SEGRAVE, J.O. Perspectives on the development of sport literature and narrativity: From modernism to postmodernism. BJERRE, V; BANDY, Susan (Eds.), **Fortællinger om idrætordenen: Helte, erindringer og identitet**. Aarhus: Aarhus University Press, 2010.

SPARKES, A.C.; SILVENNOINEN, M. **Talking bodies**. Finland: University of Jyväskylä, 1999.

SPELMAN, E. **Inessential woman**. Boston: Beacon Press, 1998.

STOLLER, R.J. **Sex and gender**: The development of masculinity and femininity. London: Karnac Books, 1968.

STRUNA, N. Beyond Mapping Experience: The Need for Understanding the History of American Sporting Women. **Journal of Sport History**, vol. 11, p. 120–11, 1984. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/43609302>>. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.

STRUNA, N. Gender and sporting practice in early America, 1750–1810. **Journal of Sport History**, vol. 18, nº 1, p. 10– 30, 1991. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/43636116>>. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.

STRUNA, N. **People of prowess**: Sport, leisure, and labor in early Anglo America, Urbana: University of Illinois Press, 1996.

SYKES, H. Transsexual and transgender policies in sport. **Women in Sport and Physical Activity Journal**, vol. 15, nº 1, p. 3–13, 2006. Disponível em: < <https://journals.humankinetics.com/view/journals/wspaj/15/1/article-p3.xml>>. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.

TERRET, T. Learning to be a man: French rugby and masculinity. CHANDLER, T.; NAURIGHT, J. (Eds.). **Making the rugby world**: Race, gender, commerce. Portland, OR: Frank Cass, 1999.

TERRET, T. Prologue: Making men, destroying bodies: Sport, masculinity, and the Great War experience. **The International Journal of the History of Sport**, vol. 28, nº3-4, p. 323–328, 2011. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523367.2011.544846>>. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.

TRANGBÆK, E.; KRÜGER, A. **Gender & sport from European perspectives**. Copenhagen: Institute of Exercise and Sport Sciences, 1999.

VERTINSKY, P.A. Gender relations, women's history and sport history: A decade of changing enquiry, 1983–1993. **Journal of Sport History**, vol. 21, nº 1, p. 1–24, 1994. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/43610594>>. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.

VERTINSKY, P.A. **The eternally wounded woman**: Women, doctors, and exercise in the late nineteenth century. Chicago: University Press, 1994.

VERTINSKY, P.A. Gender relations, physical education and sport history: Is it time for a collaborative research agenda?. TRANGBÆK, E.; KRÜGER, A. (Eds.). **Gender & sport from European perspectives**. Copenhagen: Institute of Exercise and Sport Sciences, 1999.

WACQUANT, L. **Body and soul**: Notebooks of an apprentice boxer. Oxford: Oxford University, 2004.

WAQUET, A. Sport in the trenches: The new deal for masculinity in France. **The International Journal of the History of Sport**, vol. 28, nº 3–4, p. 331–350, 2011. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523367.2011.544861>>. Acesso em Dezembro de 2021.

WENTZ, P. Human equality in sports. **The Philosophical Forum**, vol. 12, nº 3, p. 238–250, 1981.

WILLIS, P. Women in sport and ideology. HARGREAVES, J. (Ed). **Sport, culture and ideology**. London: Routledge and Kegan Paul, 1982.

YOUNG, I.M. The exclusion of women from sport: Conceptual and existential dimensions. **Philosophy in Context**, vol. 9, p. 44–53, 1979. Disponível em: < https://www.pdcnet.org/philcontext/content/philcontext_1979_0009_0044_0053>. Acesso em 29 de Dezembro de 2021.

NOTAS

1. Artigo original *Sport et Genre: une perspective historique* by Susan J. Bandy, publicado em inglês na revista *Movement & Sport Sciences - Science & Motricité*, Edição 84, 2014. © EDP Sciences, 2014.
2. Estou usando o termo Estudos dos Esportes para incluir os vários nomes que são e têm sido usados pelos departamentos que se dedicam ao estudo das práticas esportivas e da cultura física. Dentre os mais comuns estão: ciência do exercício, esporte, estudos do movimento humano, cinesiologia, educação física e ciência do esporte.
3. Para uma análise mais detalhada desta transição de "sexo" para "gênero", ver Birrell (1988) e Hall (1988).
4. Importantes trabalhos que trazem as Relação de Gênero nos esportes tem sido feito por pesquisadores(as) em vários outros países. Por exemplo, ver Trangbæk e Krüger (1999); Pfister (2000), pp. 170-201; e Hartmann e Pfister (2003). Também para perspectivas internacionais, ver o seguinte: **Argentina:** Liana Morelli. *Mujeres Deportistas* (Buenos Aires: El Planeta, 1990). **Australia:** John Daly. *Feminae Ludens* (Adelaide: Openbook Publishers, 1994). **Canadá:** Jean Cochrane, et al. *Women in Canadian Sports* (Toronto: Fitzhenry and Whiteside, 1977); M. Ann Hall and Dorothy Richardson. *Fair Ball: Towards Sex Equality in Canadian Sport* (Ottawa, ON: The Canadian Advisory Council on the Status of Women, 1982); Laura Robinson. *She Shouts She Scores: Canadian Perspectives on Women and Sport* (Toronto: Thompson Educational Publishers, 1997); e Phillip White and Kevin Young, Eds. *Sport and Gender in Canada* (Oxford: Oxford University Press, 1999); M. Ann Hall, *The Girl and the Game: A History of Women's Sport in Canada* (Peterborough, Ont.: Broadview Press, 2002); **China:** Fan Hong. *Footbinding, Feminism and Freedom: The Liberation of Women's Bodies in Modern China* (London: Frank Cass, 1997) e Jinxia Dong. *Women, Sport and Society in Modern China: Holding Up More than Half the Sky* (London: Frank Cass, 2003). **Dinamarca:** Inge Kryger Pedersen. *Den excellent præstation. Elitesport, kvinder og Karriere* (Sociologisk Institut, Københavns Universitet, 1998); Thing, Lone Friis. *Sport en emotional affare. Kvinder, holdsport og aggression* (Sociologisk Institut, Københavns Universitet, 1999); e Alice Riis Bach. *Kvinder på banen: sport, køn og medier* (København: Narayana Press, 2002). **França:** Francoise Laget, et al. *Le Grand Livre du Sport* (Bellville-s-Saone: SIGEFA, 1982) e Pierre Arnaud and Theirry Terret. *Histoire du sport féminin* (Paris: L'Harmattan, 1996). **Alemanha:** Gertrud Pfister. *Frau und Sport* (Frankfurt/M.: Fischer, 1980); Marie-Luise Klein. *Frauensport in der Tagespress* (Bochum: Studienverl. Brockmeyer, 1986); Birgit Palzkill. *Die Entwicklung des weiblichen Identitätskonzepts im Sport* (Bielefeld: Frauenoffensive, 1990); e Gertrud Pfister. *Frauensport in der DDR* (Köln: Strauß, 2002). Hungary: Levelekin' e, R. Matild, Ed. *A Nőes a Sport* (Budapest: TTT, 1963). **Itália:** Giana Maria Madella. *Atleta al femminile: l'adonna e lo sport: storia di un'emancipazione difficile* (Como: Editnova, 1979); Alessandro Salvinni. *Identità Femminile e Sport* (La Nuova Italia, data of publication unknown); Angela Teja. *Educazione fisica al femminile* (SSS Ed.: Roma 1995), E Gigliola Gori. *Female Bodies, Sport, Italian Fascism: Submissive Women and Strong Mothers* (London: Frank Cass Publishers, 2004); **Noruega:** Gerd Von der Lippe, ed. *Kvinner og Idrett: Fra Myt til Realitet* (Oslo, Gyldendal Norsk Forlag, 1982). **Espanha:** *Mujeres Deporte* (Madrid: Ministerio de Cultura, 1986). **Reino Unido:** Kathleen E. McCrone. *Playing the Game: Sport and the Physical Emancipation of English Women, 1870–1941*, (Lexington: University Press of Kentucky, 1988).
5. Ver Boch in Offen, Pierson, R.R., & Rendell, J. (1991), p. 7) que sugere que a distinção dicotômica entre sexo e gênero é em grande parte devida às especificidades da língua inglesa. Como é o caso dos idiomas alemão, italiano e turco, não há termo para designar sexo; bem como não existem palavras para fazer a distinção entre sexo e gênero no idioma dinamarquês. Portanto, o termo sexo, quando usado no ensaio, será mantido em sua forma em inglês e será usado para designar a forma biológica, já o termo gênero será compreendido como uma construção social e cultural.
6. N.T. Na nota anterior a palavra "inglês" aparece grifada, pois refere-se a língua original de publicação do artigo. Contudo, é preciso destacar que na perspectiva teórica brasileira, sobretudo

no que diz respeito às categorias Gênero e Sexo segue-se, geralmente, o padrão adotado pela autora. Ou seja, Gênero é compreendido como uma construção sociocultural e Sexo – ainda que passível de construções socioculturais – é compreendido majoritariamente enquanto dado biológico.

7. Os seguintes livros estavam entre os mais influentes durante este período inicial: Oakley (1972); Firestone (1970); Chodorow (1968); e Gilligan (1982).

8. Alguns exemplos que mostram o interesse diversificado e contínuo no corpo incluem: Hovden (1983); Greneau (1993); Park (1994); Hall (1994); e Bale e Philo (1997).

9. N.T. As experiências aqui podem ser compreendidas como aquelas de origem cultural, política, sexual e outras.

10. N.T. Her-story poderia ser traduzido, de maneira literal, como História-dela. Aparece, como um jogo de palavras, em contraste à History, história em inglês, que contém a partícula “his”, “dele”.

11. Um trabalho importante antes de Metheny e Harris também foi feito. Para uma discussão sobre este trabalho, ver Birrell (1988).

12. N.T. O comportamento apologético feminino no esporte diz respeito ao comportamento das atletas que negam e/ou negociam os estereótipos negativos associados ao seu envolvimento no esporte, incorporando e performatizando as noções de uma feminilidade heterossexual. Este comportamento é uma resposta aos estereótipos de masculinidade que recaem sobre si, quando participam ativamente no universo das práticas esportivas. O comportamento apologético feminino é uma tentativa de reforçar as hierarquias de gênero e reordenar as mulheres atletas dentro da matriz heteronormativa.

13. N.T. Atualmente o conceito Androginia não é mais usado nas produções das Ciências Humanas e Sociais. Dá-se lugar, portanto, ao conceito de Interssexo.

14. N.T. Entre homens e mulheres, no caso.

15. De particular importância aqui é o trabalho de Costa e Guthrie (1994).

16. Para uma discussão mais detalhada sobre a relação entre feminismo e pós-modernismo, ver Hekman (1990).

17. O livro de Ann Hall, *Sport, sex roles, and sex identity (Esporte, papéis sexuais e identidade sexual)* (1981) é talvez o primeiro a abordar questões de identidade sexual no discurso sobre esporte. Lenskyj continuou seu trabalho com o esporte e a sexualidade em seu recente livro (2003).

18. Vertinsky (1994) também possui um importante trabalho que revela o poder da relação entre o discurso, as visões sociais das mulheres e sua participação nos esportes.

19. Os ensaios em Mangan&Park's (1987) acrescentaram à produção acadêmica sobre a construção social da feminilidade, suas relações com a exclusão das mulheres dos esportes. Além disso, o livro oferece as primeiras perspectivas comparativas e transatlânticas sobre as mulheres nos esportes com ensaios dedicados as realidades sociais da Grã-Bretanha, da Commonwealth e também norte-americanas.

20. Após o trabalho de Birrell e Cole introduzir o conceito de homofobia, Pat Griffin publicou o livro *Strong women, deep closets: Lesbians and homophobia in Sport (Mulheres fortes, armários profundos: lésbicas e a homofobia no esporte)* (1998).

21. O trabalho de Cahn, relativo à sexualidade, foi continuado em Scraton e Anne (2002).

22. O primeiro trabalho sobre masculinidade foi feito por Donald F. Sabo e Ross Runfola (1980). Este texto pioneiro foi seguido por vários outros; entre os mais influentes estão Messner&Sabo (1990); Pronger (1990); Messner (1992); Messner&Sabo (1994); e McKay et al. (2000), que oferecem perspectivas de estudos feitos a partir do Canadá, Austrália, Estados Unidos e Inglaterra.

23. N.T. Niels Bukh foi um ginasta dinamarquês que desenvolveu algumas noções sobre elementos estéticos que deveriam ser adotados por homens durante a prática da ginástica acrobática e rítmica. Era preciso que os homens combinassem movimentos rápidos, ritmados e “graciosos”. Ainda que Bukh seja considerado enquanto figura revolucionária para a ginástica; é também lembrado como entusiasta apoiador do regime nazista.

24. Ver Creedon (1994) o primeiro livro dedicado exclusivamente às mulheres, ao esporte e à mídia.
25. Ver Bal (2002) para um exame mais detalhado do uso de conceitos em pesquisas e no ensino.
26. Ver Nicolescu (2002) para uma introdução à transdisciplinaridade.
27. Ver Bal (2002) para um exame mais detalhado do uso de conceitos em pesquisas e no ensino.
28. Para uma discussão do conceito de circularidade e uma rejeição da linearidade na linguagem e da ordenação hierárquica do conhecimento, ver Ostriker (1986).
29. Pode-se argumentar que a "terceira via" de Eichberg, a partir da qual ele defendeu o uso de várias abordagens para o desenvolvimento de uma sociologia escandinava do corpo - biográfica, autobiográfica, situacional, cênica, social, ecológica - propõe novas formas metodológicas de entender o corpo, e tal abordagem prenuncia o trabalho que viria após a publicação de seu trabalho em 1994. Da mesma forma, o trabalho de Olav Ballisager, em 2002, sobre "cultura física como esporte e jogo", mostra a interação entre vários conceitos que produzem o que Ballisager identificou como um "terço mútuo". Em apoio às novas direções para a integração das relações de gênero, educação física e história dos esportes, Patricia Vertinsky defende, como Eichberg, a importância de estudos comparativos utilizando perspectivas interlinguísticas e interculturais.
30. Hargreaves usou materiais de arquivo, jornais e revistas, correspondência pessoal, filmes e vídeos, material da Internet e entrevistas por meio da Internet.
-

AUTORES

SUSAN J. BANDY

College of Education and Human Ecology, Department of Kinesiology, Ohio State University,
Columbus, Ohio (USA)